



## PROCESSOS CIVILIZADORES E CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS

Ms. Tony Honorato (Faculdade Guairacá / UFPR) Curitiba/Brasil

[tony.unesp@zipmail.com.br](mailto:tony.unesp@zipmail.com.br)

### Resumo

*A proposição é discutir qual a relação entre o surgimento de grupos sociais e os processos civilizadores. Partimos da idéia que tal relação pode ser compreendida ao analisarmos ambos como processos interdependentes, não planejados a longo prazo e detentores de indicadores de mudança — tais como: comportamento, habitus, poder e controle das emoções. Por isso, o entendimento da construção de grupos sociais tornar-se-ia significativo para compreensão e explicação das civilizações e instituições nas quais eles se relacionam. Para ilustrar, apresentamos a constituição de um agrupamento social específico, a ‘tribo skatista’.*

Palavras-chave: Processos civilizadores, Grupos sociais, Tribo skatista.

### Introdução

Qual a relação entre o surgimento de grupos sociais e os processos civilizadores? Pressupomos que para compreender a relação entre os dois processos — concomitantes, interdependentes e não planejados —, torna-se relevante os observarmos pelos seguintes indicativos de mudanças: poder, comportamento e *habitus*, que estão intrinsecamente entrelaçados às atividades psíquicas dos indivíduos em sociedade. Dessa forma, num primeiro momento, optamos por abordar a discussão sobre processos de civilização e a constituição de grupos sociais num sentido generalizado. Depois afunilaremos na constituição de um agrupamento específico, denominado ‘tribo skatista’.

### A formação de grupos sociais e o processo civilizador

São três aspectos centrais a observar nos processos de civilização e de formação de grupos sociais. Por exemplo, se algo deixa de ser um *habitus*<sup>1</sup> numa sociedade, é evidência de que, tanto mecanismos de controle social quanto de autocontrole — as restrições de fortes emoções espontâneas em público e a aversão pessoal a estas práticas —, estão

---

<sup>1</sup> O conceito *habitus* de Elias não se apresenta sistematizado, mas foi elaborado a partir de sua teoria dos processos civilizadores e pode ser visualizado com uma certa ênfase na parte II do segundo volume de seu livro intitulado “*O processo civilizador: formação do Estado e civilização*”. Neste, a idéia de *habitus* aparece relacionada com a formação de um padrão de autocontrole altamente regulado e diferenciado; este tipo de autolimitação seria lentamente condicionado e incorporado nos/pelos indivíduos desde a tenra idade e requer um grau mais elevado de automatismo e se torna, por assim dizer, uma ‘segunda natureza’ que se desenvolve ao longo do tempo num constante movimento emaranhando social e individual.

atuando no estabelecimento de novos **comportamentos** e relações, assim configurando novos grupos sociais e alterando as relações de **poder** nas configurações. Estes três aspectos são relativos aos indivíduos situados num grupo social, ou ainda, num grupo nacional, passando a não existir civilização sem indivíduos que configurem grupos e sociedades. Para tanto, é relevante a passagem do controle social ao autocontrole.

Essa passagem é o processo da exteriorização à interiorização. O indivíduo interioriza as paixões, emoções, regulações e representações produzidas nas relações sociais e em suas atividades mentais, e depois as exterioriza através de **comportamentos**, **habitus** e relações de **poder**. Assim, pensamento e ação estão interligados no plano individual em função do social que, dirige o individual (e vice-versa) para um certo limiar de controle exigido e aceito pelos demais indivíduos em sociedade.

Para Norbert Elias em “*A sociedade dos indivíduos*”, os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas suas auto-imagens e por aquelas que lhes são atribuídas pelos outros com quem se relacionam. De acordo com Guillaume Coury, nesta tese de Elias situa-se a pista aberta para a compreensão da sociogênese dos grupos sociais:

[...] tomar o ‘cérebro’ dos homens como objeto de análise para observar o que se forma nele, essa capacidade de perceber-se como pessoa no espelho da sociedade e, por isso mesmo, de reagrupar-se escolhendo como prova de sua singularidade sua pertinência a um grupo social reconhecido pelos outros<sup>2</sup>.

Há atribuição de representações por parte de indivíduos/grupos para que outros indivíduos se reconheçam ao reconhecimento dos outros, desenvolvendo uma atividade mental denominada *economia psíquica*. Essa atividade é um importante instrumento de percepção das representações empregadas a uma pessoa porque permite observar e encontrar seus semelhantes.

A economia psíquica relaciona-se com o processo de interiorização dos impulsos, das emoções e das representações sociais. Este processo está no centro dos processos civilizadores, quer se trate dos costumes, da aprendizagem ou do esporte. A interiorização pode ser interpretada de maneira positiva (aprovação das representações/comportamentos) ou negativa (condenação das representações/comportamentos), desempenhando tanto uma forma específica de diferenciação quanto de associação psíquica que, por um lado, garante (ou não) a sobrevivência social de alguns e, por outro, explica a constituição de um maior número de grupos humanos.

No processo de interiorização ou individualização<sup>3</sup>, urge um autocontrole marcado pelo rigoroso controle social das fortes emoções e sentimentos na superfície da vida coletiva e no psiquismo do indivíduo. O que aparece são comportamentos ‘civilizados’ caracterizados por uma economia psíquica do ser humano que lhe é transmitida e construída desde sua infância.

Então, se os seres humanos ‘civilizados’ vivem num constante processo de individualização, como se explica à constituição e manutenção de inúmeros grupos para

---

<sup>2</sup> Para detalhes, veja: COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard [orgs.] **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 124.

<sup>3</sup> Vale destacar que o processo de individualização proposto por Norbert Elias tem pontos convergentes com o processo de internalização elaborado por Lev Semenovitch Vigotski, em particular quando abordam o problema da constituição da singularidade do indivíduo em sociedade. Uma tentativa de diálogo entre estes dois autores foi realizada em um outro texto: HONORATO, Tony. **Individualização e internalização segundo Norbert Elias e Lev Semenovitch Vigotski**. In: 8º SIMPÓSIO PROCESSO CIVILIZADOR, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO. Anais... João Pessoa/PB: Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB, setembro/2004.

viver em sociedade? De certa forma resgatamos uma das inquietações do psicanalista Sigmund Freud sobre o sofrimento do homem ‘civilizado’, explicitada em sua obra “*O mal-estar na civilização*”<sup>4</sup>. Tanto Sigmund Freud como Norbert Elias, tiveram como temática o ‘processo de civilização’ relacionado com a capacidade psíquica do homem de aprender a adaptar, dominar e canalizar até certo ponto seus impulsos, segundo suas experiências com grupos e com espaços sociais.

Para Freud, porém, o ser humano aparece como uma unidade determinada em si mesma. Freud descobriu que o processo coletivo relacional (por exemplo: pai-mãe-filho) tem uma influência determinante na estruturação dos impulsos elementares e na constituição das funções de domínio de si na primeira infância. Quando formados — esses impulsos e funções — pareciam seguir seu curso, independentemente dos processos sociais nos quais estivessem envolvidos. Assim, deixa entender que o homem ‘civilizado’ depois de certas experiências coletivas é um ser acabado: *homo clausus*. É neste ponto, por exemplo, que Norbert Elias busca ir além de Freud. Para Elias, as atividades sociais e as atividades psíquicas particulares dos indivíduos estão entrelaçadas e estão em processo de (re)estruturação sem fim à vista e sem planejamento num longo prazo, ou melhor, o homem é histórico, não está acabado e está permanentemente em construção pelas suas experiências grupais/sociais e psíquicas particulares.

Segundo Coury, neste ponto o diálogo se interrompe bruscamente entre os dois pensadores, passando Norbert Elias em seus trabalhos a enfatizar a economia psíquica como instrumento ‘anti-*homo clausus*’ de ruptura com a divisão disciplinar entre psicologia, história e sociologia. Isto indica uma pista para apreciar os processos de construção dos grupos sociais.

Neste sentido, Coury sistematiza três qualitativos comuns aplicados ao homem moderno. Para cada um a economia psíquica constitui, em concomitância, a síntese sociológica e a explicação histórica, rompendo com o psicologismo que envia a análise com a possibilidade individualista/instintiva e coletivista do ser conhecedor. São eles: ‘*O homem equilibrado*’, ‘*O homem moderado*’ e ‘*O homem evoluído*’.

*O homem equilibrado* é aquele que interioriza os conhecimentos sociais e produz o equilíbrio mental enquanto as próprias relações mudam e a sociedade se diferencia e, assim, permite o julgamento de suas pulsões dentro dos mecanismos criados socialmente de aferição da normalidade psíquica — comportamento, hábitos e costumes ditos ‘civilizados’.

O equilíbrio psíquico é o centro das inter-relações entre estrutura social e a estrutura mental. Para isto, Norbert Elias destaca que é necessário articular o processo histórico da estrutura social com o da estrutura mental e também observar o equilíbrio psíquico entre as exigências da organização social que os indivíduos juntos constituem e as exigências desses mesmos indivíduos tomados em seu universo privado, porque vivemos numa sociedade complexa, que ao longo dos séculos vem desenvolvendo um processo de individualização da estrutura social como evidencia Elias em “*O processo civilizador: uma história dos costumes*” e “*formação do estado e civilização*”.

Já no *homem moderado*, compreende-se a economia psíquica no processo de moderação, pois com o aumento da cadeia de interdependência foi se estabelecendo uma maior racionalidade individual (o homem ‘civilizado’), na qual os indivíduos controlam,

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

restringem e moderam seus comportamentos e emoções perante qualquer pessoa. Com efeito, esse indivíduo constrói sua identidade pela representação que faz de si mesmo e por aquelas que lhe remetem — perceptíveis na arte de observar seus semelhantes.

Essa dimensão do homem moderado está conectada ao processo de diferenciação/individualização em razão da necessidade de um equilíbrio entre estrutura mental e social para estabelecer relações sociais e desenvolver autocontrole.

Coury destaca que, nessa dimensão, a “economia psíquica reside principalmente no fato de que ela permite situar no tempo e no espaço as conjunturas nas quais certas transformações do estado de uma estrutura social se encadearam para resultar numa nova configuração”. Dessa maneira, percebemos tanto onde e em que espelhos as pessoas notam o olhar dos outros, qual o momento dessa percepção e de suas moderações, podendo até identificar características da pessoa relacionada a algum grupo social.

Por último, a economia psíquica do *homem evoluído* se refere ao processo de evolução que caracteriza a identidade constante de uma pessoa num movimento linear cronológico. Segundo Coury:

Um novo indivíduo aparece, esse ecônomo doravante dotado de uma arte de bem conduzir sua vida. Desse processo decorre nossa capacidade de abarcar a vida de um homem como um todo e de julgá-lo de uma só vez. A economia psíquica do homem civilizado permite essa ‘boa condução’ no tempo, essa boa administração ao longo de sua vida, em seus deslocamentos e em todas as suas relações. O surgimento dessa capacidade nova permite não só encontrar as lógicas que condicionam esse ou aquele comportamento, mas também descobrir as categorias de percepção dos comportamentos observados nos outros<sup>5</sup>.

Este processo não descarta os inúmeros avanços e retrocessos da vida dos indivíduos/grupos. Ele valoriza o não planejamento e é provocativo ao impor a problemática do tempo de permanência das identidades sociais: “como, onde e quando a pessoa nota seus semelhantes e se liga duradouramente a eles?”<sup>6</sup>. Ou seja, qual relação entre o passado e o futuro dos indivíduos e dos grupos sociais?

Neste terceiro qualitativo emerge um paradoxo na sociologia do conhecimento: a relativa autonomia do indivíduo caminha junto com a pertinência ao grupo social, bem como ao conhecimento conquistado, e o lugar preponderante assumido pelo ‘eu’ em nossas sociedades não afastou o desejo de estar com outras pessoas que amamos<sup>7</sup>. Na seqüência, tendo em vista a atenção de Norbert Elias com a arte de observar, a arte de inovar e com a arte de manejar seus ‘semelhantes’, Coury propõe um instrumento de análise complementar denominado *a arte de reagrupar-se*.

A arte de reagrupar-se permite a percepção — dos e entre indivíduos — dos mesmos interesses para formar juntos num espaço social, grupos até então imperceptíveis e distintos em relação aos indivíduos/grupos nos quais pensam poder estabelecer vínculo social. Ela se desenvolve mediante a produção, difusão e apropriação de formas de agrupamento disponível numa estrutura social. “Essa arte pode decompor-se analiticamente da seguinte forma: a arte da colocação dos indivíduos em presença, as competências dos diferentes porta-vozes e dos representantes, as categorias estéticas de

---

<sup>5</sup> COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais:... 2001, p. 130.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, p. 131.

avaliação dos grupos assim objetivados, as repercussões das representações exógenas sobre os produtores”<sup>8</sup>.

Coury apresenta dois objetivos para a arte do reagrupamento. O primeiro, desfamiliarizar os pesquisadores com as práticas e formas coletivistas. Trata-se então de analisar o entrelaçamento entre estrutura social e estrutura psíquica. O segundo, resume-se na explicação do acúmulo de competências (*política* - em sua investigação) e suas desigualdades de apropriação pelos indivíduos<sup>9</sup>.

Enfim, o esforço de Coury tanto em sistematizar os três qualitativos comuns aplicáveis ao homem moderno como também em propor a arte de reagrupar-se, tem suas relevâncias e um ponto vulnerável. As relevâncias, de uma certa maneira, foram explicitadas e, até certo ponto, coadunamos com elas. Já o ponto vulnerável refere-se quando Coury ancora-se essencialmente nos estudos de Norbert Elias sobre a relação, sociedade e indivíduo, para sistematizar os qualitativos e propor uma relação indivíduo e construção dos grupos sociais.

Neste estudo, Norbert Elias discute um problema epistemológico da sociologia que, resumidamente, se localiza no enviesar dicotômico para leitura dos fenômenos indivíduo e sociedade. De fato, o autor propõe uma análise do indivíduo e sociedade de maneira interdependente entrelaçando estrutura social e estrutura psíquica (autocontrole), possivelmente transferível para compreensão da construção dos grupos sociais. Porém, o próprio Elias reconhece que não conseguiu resolver epistemologicamente o problema indivíduo-sociedade, como declara:

O que nos falta, sejamos explícitos, são modelos conceituais e, além deles, uma visão global graças à qual nossas idéias dos seres humanos como indivíduos e como sociedade possam harmonizar-se melhor. Não sabemos, ao que parece, deixar claro nós mesmos como é possível que cada pessoa isolada seja uma coisa única, diferente de todas as demais; um ser que, de certa maneira, sente, vivencia e faz o que não é feito por nenhuma outra pessoa; um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estrutura cambiáveis, com histórias não pretendidas ou promovidas por qualquer das pessoas que as constituem, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderia sobreviver quando criança, nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como um ser humano<sup>10</sup>.

Não fosse bastante, em seus apontamentos finais reafirma:

Mas todas essas questões — todo o amontoado de problemas que surgem nesse contexto — só fazem provar mais uma vez de que modo, à luz do crescente conhecimento factual das várias ciências humanas e dos problemas nelas discutidos, se tornou urgente investigar o problema — fundamental — da relação entre sociedade e indivíduo e esmiuçar as noções aceitas associadas a essas palavras. De fato, quando as conclusões dispersas da pesquisa nos vários campos são vistas em conjunto, evidencia-se com clareza ainda maior que as categorias,

---

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 131.

<sup>9</sup> Aqui a autora se apóia na idéia de capital cultural de Pierre Bourdieu. E depois, propõe três dimensões da sociogênese dos grupos: *a apropriação da semelhança, a localização desses semelhantes e a sublimação dos agrupamentos*. Ver: COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais... 2001. p. 132-144.

<sup>10</sup> ELIAS, Norbert **A sociedade dos indivíduos...** 1994. p. 68.

os modelos conceituais normalmente usados ao se refletir sobre essas questões, já não estão à altura de sua tarefa<sup>11</sup>.

Norbert Elias, entretanto, nos coloca a seguinte provocação: vamos olhar para os fenômenos sociedade e indivíduo pela ótica da bipolarização, ou vamos pela ótica dos conceitos em construção que não dão conta da problemática em razão da complexidade dos fenômenos? Neste sentido os estudos de Coury são significativos por assumir o desafio, mas não podemos perder de vista a tamanha complexidade destes objetos de análise.

Sem perder de vista tal complexidade diríamos que, em primeiro lugar, para entender a relação entre os processos de civilizações e o surgimento dos grupos sociais, é significativo dimensionar que a constituição dos grupos perdura desde os primeiros dias das civilizações e espalham-se e multiplicam-se em diversos tipos e gêneros por todos seus estágios. Isso possibilita argumentar que os processos civilizadores e a constituição de grupos são concomitantes, interdependentes e não programados, por isso, o entendimento da construção de grupos sociais é fulcral para compreensão e interpretação das civilizações; e no plano micro, para as instituições nas quais eles se relacionam, como por exemplo, a relação tribo skatista e escola<sup>12</sup>. E em segundo lugar, torna-se necessário localizar a relação num estágio organizacional do modo de vida desses indivíduos ‘civilizados’.

### **O processo civilizador e a formação dos grupos sociais: o caso da tribo skatista**

Em nosso estudo, ao falarmos de ‘tribo skatista’ significa falarmos também, implicitamente, das sociedades Estado-nações da segunda metade do século XX, nas quais a ‘tribo skatista’ (que mais tarde trará relações com outros grupos – em especial com a escola) tem sua gênese nesta temporalidade e conjuntura configuracional. Estamos propondo que o surgimento da ‘tribo skatista’ ocorreu porque os **comportamentos**, os **habitus**, as relações de **poder** e as **emoções** dos homens mudaram, da mesma maneira que mudaram suas formas de vida e de produção de seus semelhantes no referido modelo societal.

No modo de vida no Estado Moderno tornou-se perceptível à transferência cada vez maior de funções relativas à proteção e ao controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos, — como tribo, igreja, feudo, guilda, entre outros, que eram ‘consangüíneos’, de localidade próxima e coesos por sua capacidade de proteção, de controle e de mobilização pela sobrevivência — para os estados nacionais altamente complexos e cada vez mais urbanizados<sup>13</sup>.

Este fato aponta para os indivíduos vivendo cada vez mais isolados, numa batalha pela sobrevivência.

A mobilidade social das pessoas, no sentido espacial e social, aumenta. Seu envolvimento com família, o grupo de parentesco, grupo de comunidade local e

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>12</sup> Essa relação pode ser encontrada em: HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar**: o poder escolar em uma perspectiva sociológica. Piracicaba, 2005. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba. 208f.

<sup>13</sup> Cf. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos...** 1994.

outros dessa natureza, antes inescapável pela vida inteira, vê-se reduzido. Elas têm menos necessidade de adaptar seu comportamento, metas e ideais à vida de tais grupos, ou de se identificar automaticamente com eles. Dependem menos deles no tocante à proteção física, ao sustento, ao emprego, à proteção de bens herdados ou adquiridos, ou à ajuda, orientação e tomada de decisão. Isso acontece ao longo dos séculos, a setores mais amplos da população, até mesmo nas áreas rurais<sup>14</sup>.

Na sociedade-moderna, cada vez mais diferenciada, complexa e profundamente organizada, os indivíduos deixam para trás certos modelos de agrupamentos e se defrontam diante de um número crescente de opções<sup>15</sup>. Na medida em que há desdém de certas formas de agrupamentos, portanto de estilos de vida, os comportamentos, as necessidades e as experiências dos indivíduos mudam e buscam outras formas de convívio e de agrupamento. A busca de emoções através de grupos esportivos, a necessidade de formação educacional institucionalizada, são exemplos de comportamentos do novo estilo de vida.

Nesse modelo societal mesmo que os indivíduos tenham de se decidir muito mais por si, dependerão da vida coletiva, social e grupal. Mesmo porque é na relação com o outro e na participação de configurações tais como grupos, ‘tribos urbanas’, escolas e sociedades, que se tornam indivíduos, seres humanos passíveis de aprender e transmitir seus aprendizados às gerações futuras, o que os distingue de outras espécies não-humanas.

Assim, temos buscado compreender o surgimento da ‘tribo skatista’. A tribo nasce num processo de diferenciação/individualização do processo social. Mas essa individualização crescente e a maior diversidade de pessoas que podemos identificar na ‘tribo skatista’ nas sociedades contemporâneas não originam da natureza dada, no mesmo sentido dos órgãos humanos, e sim, das relações sociais.

O isolamento de indivíduos configurando uma ‘tribo’ não significa um enclausuramento de outras pessoas e grupos, significa uma diversidade comportamental geradora de **comportamentos**, *habitus* e de relações de **poder** que urgem na diferenciação e na complexidade do modo de vida do século XX e XXI.

Os comportamentos dos skatistas se apresentam como processo de individualização, que é parte do processo de civilização. Pois, na medida em que a sociedade desenvolve cada vez mais um controle geral das emoções (comportamentos ‘civilizados’), tanto controle social como individual, tais comportamentos se apresentam de maneira cada vez mais entrelaçada e acentuada, revelando sentimentos e fortes impulsos que são cada vez mais controlados, reprimindo funções corporais ou manifestações e desejos antes ‘livremente’ expressos.

Neste sentido, encontramos uma das finalidades do agrupamento ‘tribo skatista’. A ‘tribo’ se reagrupa num campo social denominado lazer ou esportivo no qual os indivíduos desejam e produzem (in)conscientemente comportamentos ‘paradoxais’ aos controles desenvolvidos no atual estágio da civilização para extravasar emoções sociais e individuais

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 102.

<sup>15</sup> Eis aí mais um alerta! Como já apontou os escritos de Magnani (1992), não devemos transpor de forma equivocada o sentido mais remoto e secular do termo tribo para compreender fenômenos e acontecimentos na sociedade contemporânea como, por exemplo, as ‘tribos urbanas’. Neste sentido, quando se fala em ‘tribos urbanas’ é preciso não esquecer que na realidade está se usando uma metáfora, não uma categoria.

proporcionadas pela prática cultural *Skate*, a qual categorizamos como sendo de natureza *mimética*<sup>16</sup>.

Essa prática cultural apresenta sinais específicos e recíprocos ao atual estágio de civilização: diversão, repugnância à violência, desenvolvimento tecnológico, mercadológico e, principalmente, alternativas de experimentar em público fortes emoções, manifestando interesse coletivo de excitação, diferente das excitações sérias conhecidas na vida diária, como por exemplo, as proporcionadas pela escola, trabalho, entre outras.

Portanto, a ‘tribo skatista’ é uma forma de agrupamento social interligado a uma prática cultural denominada *Skate*, que nasce entre nós na crescente individualização do processo civilizador e amplia as cadeias de interdependências na sociedade moderna permitindo diversificação de comportamentos e a redefinição do ‘jogo de poder’. A ‘tribo skatista’ é, neste sentido, um modo diferenciado de se comportar e portadora de signos sociais que possibilitam agrupar ‘semelhantes’, possibilitando-lhes vivências de intensas emoções entre si e com outras instâncias da vida social.

### **Considerações finais**

A relação entre o processo civilizador e a constituição dos grupos sociais, em particular da ‘tribo skatista’, contribui para refletirmos sobre a peculiaridade de um estágio específico de desenvolvimento da civilização, correspondendo a um estágio específico de diferenciação e individualização de agrupamentos humanos.

A formação dos grupos sociais pode expressar um dos estágios que nosso processo civilizador atingiu. Para compreender este estágio, torna-se necessário realizar um estudo sócio-histórico, no qual não significa que todas as fases individuais e coletivas da história da humanidade são reproduzidas na história do homem ‘civilizado’ como, por exemplo, do homem do século XXI. Nada seria mais errôneo do que procurar uma era Greco-Romana, uma Medieval, uma Renascença ou um período absolutista de corte na vida do indivíduo da sociedade contemporânea.

A proposição refere-se em localizar e analisar a estrutura dos grupos sociais, tendo a dimensão de que o indivíduo em sua curta história passa mais uma vez por processos que a sociedade experimentou e vem refinando em sua longa história, isto é, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo, o processo civilizador individual (individualização) obrigatoriamente é um processo civilizador social de longo tempo.

Desse modo, por exemplo, a formação da ‘tribo skatista’ se faz das relações humanas transformadas em atividades físicas e culturais de lazer que despertam interesses comuns e diferenciados — reunindo indivíduos e estabelecendo diferentes comportamentos, *habitus* e relações de poder — entrelaçados ao processo de civilização.

Por fim, as reflexões expostas neste artigo sugerem, num plano macro, que os processos civilizadores e a constituição de grupos são concomitantes, interdependentes e não programados, por isso, o entendimento da construção de grupos sociais é relevante para leitura e explicação das civilizações. E no plano micro, o estudo dos grupos sociais

---

<sup>16</sup> Encontra-se uma tipologia das atividades de lazer da categoria mimética que extrapolam algumas restrições da vida rotineira e produzem excitações e experiências agradáveis na sociedade contemporânea, em: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.



torna-se significativo para compreensão e interpretação das instituições nas quais eles se relacionam.

## CIVILIZING PROCESSES AND CONSTITUTION OF SOCIAL GROUPS

### Abstract

The proposal is to argue which is the relation between the sprouting of social groups and the civilizing processes. We start from the idea that such relation can be understood when analyzing both as interdependent processes, not long term planned and detainers of change pointers -- such as: behavior, habitus, power and control of the emotions. Therefore, the understanding of the construction of social groups would become significant to comprehend and explain the civilizations and the institutions in which they relate. To illustrate, we present the constitution of a specific social group, the skaters' tribe.

Key words: Civilizing processes, Social groups, Skaters' tribe.

### Referências bibliográficas

COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard [orgs.] **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 123-144.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v 2.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994a. v 1.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HONORATO, Tony. **Individualização e internalização segundo Norbert Elias e Lev Semenovich Vigotski**. In: 8º SIMPÓSIO PROCESSO CIVILIZADOR, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO. **Anais...** João Pessoa/PB: Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB, setembro/2004.

HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica**. Piracicaba, 2005. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba. 208f.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Tribos urbanas: metáfora ou categoria?** Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnani.html>> Acesso em: 04/03/2004. Texto originalmente publicado em: São Paulo: Revista Cadernos de campo, FFLCH/USP. Ano 2, nº 2, 1992.